



Critical Approaches to International Security

Karin Fierke

Blackwell Publishing, Ltd.

2007, 288 pp.

ISBN: 0745632939 / 978-0745632933

Segurança é o que se faz dela

Observar a diferença/evolução entre os discursos e as práticas de segurança do período da Guerra Fria, em que imperava uma lógica realista, “estatocêntrica” e profundamente norte-americana, e os discursos e práticas de segurança dos dias de hoje, que envolvem fenómenos tão diversos como o terrorismo, os direitos humanos, a degradação ambiental ou a pobreza global, revela que a segurança é profundamente dependente de um contexto espacio-temporal.

Esta evolução está também patente na área dos estudos de segurança, com o aparecimento dos estudos críticos de segurança, que se preocupam não só com o conceito em si mas, também, com a melhor forma de *estudar segurança*. Estes estudos vieram realçar o carácter profundamente político da segurança para além da sua dimensão militar e colocar uma série de questões que dizem respeito à relação entre as teorias e métodos tradicionais do estudo de segurança e as práticas securitárias dos Estados.

Karin Fierke, Professora de Relações Internacionais na Universidade de St. Andrews (Escócia), traça um mapa das principais contribuições conceptuais e metodológicas de diversas abordagens críticas à segurança internacional, que vão buscar as suas raízes a uma série de tradições filosóficas, que vão desde a “Escola de Frankfurt”, a Gramsci, Schmitt ou Foucault.

Através da análise da evolução do debate sobre os discursos e as práticas de segurança, a autora procura demonstrar como as inovações teóricas e metodológicas são mais actuais e úteis do que nunca para explicar os fenómenos neste campo. Para tal, utiliza um conjunto de conceitos - *mudança, identidade, perigo* (e a sua produção), *trauma, segurança humana, crítica imanente* e *emancipação* - profundamente relacionados com o fenómeno da segurança.

Esta obra de Fierke não se limita apenas a traçar um mapa teórico. Utiliza igualmente pertinentes exemplos - o 11 de Setembro, a “guerra contra o terrorismo”, o que se seguiu ao “furacão Katrina” - para realizar um exame às dinâmicas através das quais a segurança e a insegurança são produzidas. Encontra também uma excelente forma de demonstrar a natureza política da segurança, salientando a forma como a pobreza e a degradação ambiental têm vindo a rivalizar com a “guerra ao terrorismo” num lugar central e de prioridade dos Estados.

Entre diversas questões mais específicas, aborda o delicado assunto da imigração como problema da segurança de uma forma bastante construtiva, apresentando com clareza as abordagens que procuram demonstrar como a identidade é um conceito relacional, normalmente definido através de alguma forma de “diferença”, e a forma como o diálogo (e a importância da análise discursiva) pode constituir o/um processo através do qual as identidades são reconstruídas reflexivamente

Um dos grandes méritos de Fierke é o de procurar fugir à exagerada rotulação em que muitas vezes os autores no campo da teoria das Relações Internacionais em geral, e os autores dos estudos de segurança em particular incorrem, facilitando deste modo o diálogo e a interacção entre as diversas abordagens de um modo simples.

Não menos interessante é o facto de a forma como o *perseguir da segurança* é parte e parcela importante da produção da insegurança. Por outras palavras, as instituições de segurança, para continuarem a ter significado, terão de continuar a produzir imagens de insegurança. Pensando num exemplo concreto, a proliferação de agências de segurança nos EUA (incluindo segurança privada) levanta uma série de questões políticas e normativas e coloca claramente em causa o papel central que o Estado desempenha, tanto como garante de segurança, como protector das liberdades individuais e colectivas.

Um dos objectivos explícitos de Fierke é o de se distanciar e evitar as questões que avaliam o mais apropriado objecto de segurança e quais as ameaças que devem ser tratadas como prioritárias. Esta abordagem, que deixa de parte a discussão sobre a inclusão ou não dos mais diversos fenómenos no campo da segurança, pode ser encarada como uma lacuna importante do livro, já que acaba por ser uma matéria-chave na

definição do que é *segurança*. Visto que é um campo profundamente normativo, uma abordagem que não vai além da demonstração da característica fulcral da segurança (a sua construção social), não debate as mais urgentes dúvidas neste campo específico das Relações Internacionais, acrescentando, por isso, muito pouco quando se trata de superar uma das grandes lacunas nesta área, mesmo que tal não seja um dos objectivos do livro.

De uma forma geral, *Critical Approaches to International Security* analisa de um modo claro os processos através dos quais a segurança é definida, como certos fenómenos se transformam em ameaças à segurança, e através dos quais indivíduos, Estados ou outros actores se tornam sujeitos de segurança. Além disso, demonstra ainda como estes processos são profundamente políticos, não existindo uma única solução simples ou positivista. *Segurança* é um conceito essencialmente contestado, uma construção social e um acto discursivo profundamente ligado a políticas de excepção e o seu significado irá continuar a depender dos contextos histórico, geográfico, sociológico, político e mesmo individual de quem o constrói. É esta a conclusão que Karin Fierke nos propõe.

Manuel Castro e Almeida